

A IMPORTÂNCIA DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR PARA O DESENVOLVIMENTO GLOBAL DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II

GAMA, Eduardo Rodrigues.¹

RODRIGUES, Lucas Lopes²

MAROTO, Amauri.³

RESUMO: Este trabalho de revisão de literatura leva em consideração que o espaço educacional além de ser o ambiente propício para o processo de desenvolvimento cognitivo e psicomotor dos indivíduos, é também responsável pelo processo de socialização. No ambiente escolar, os indivíduos constroem conhecimentos e se constroem dos conflitos inerentes à espécie humana. Muitas vezes, alguns conflitos geram a indisciplina, a falta de concentração, a violência e contribuem para a má qualidade do ensino nas escolas. Os problemas gerados no interior do ambiente escolar são complexos e se tornam responsáveis pelo entrave ao processo de desenvolvimento educacional e ao convívio harmônico entre alunos e professores e com seus pares. Neste contexto, a prática de atividades físicas tem se revelado de suma importância para o desenvolvimento global dos alunos, principalmente durante o ensino fundamental II. A prática regular de atividades físicas, principalmente as coletivas, desde os primeiros anos do ensino fundamental, auxiliam no desenvolvimento de habilidades diversas: psicomotoras, cognitivas, interpessoais e, também ajuda a promover a socialização dos indivíduos. No ensino fundamental II, principalmente, há a possibilidade de uma aproximação maior entre docentes e o adolescente, já que é consenso a empatia que essa faixa etária tem com a prática dos desportos.

Palavras – Chave: Educação Física. Ensino Fundamental II. Desenvolvimento Global.

1. INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, a educação física escolar apresentou um modelo em que o corpo, a aptidão física e desempenho eram o mais importante. Esse modelo desprezava, muitas vezes, os aspectos sociais, cognitivos e afetivos. Valorizando o rendimento, se cobrava dos alunos habilidades que favoreciam seu desempenho como atleta, através da repetição. A educação física escolar, portanto, apresentava-se como excludente (JIMENEZ, 1998).

De acordo com Saviani (2000), cabe à escola a socialização do saber elaborado. Este autor parte do pressuposto de que “a elaboração do saber implica em expressar de forma elaborada o saber que surge da prática social” (37). Nesse sentido, a escola, numa perspectiva

¹ Aluno do Curso de Licenciado em Educação Física das Faculdades Integradas Regionais de Avaré – FIRA. Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso, no Curso de Licenciado em Educação Física das Faculdades Integradas Regionais de Avaré – FIRA, Xº semestre – 2017. Email –

histórico-crítica, não fará apenas a transmissão do saber, mas promoverá a apropriação dos instrumentos de elaboração e sistematização dos saberes produzidos nas relações sociais (SAVIANI, 2000).

Assim, a escola se torna o ambiente propício, não só para a aquisição de saberes, mas também, para o exercício da cidadania, da convivência, da autonomia, ou seja, para o processo de socialização. Neste sentido, a prática esportiva no interior do ambiente escolar, deve propiciar um espaço de vivências de relações interpessoais que contribuam para a ampliação das oportunidades de uma cidadania ampla e consciente (SÃO PAULO, 2014).

A importância das atividades desenvolvidas nas aulas de educação física, como instrumentos indispensáveis para a construção do conhecimento na criança, seu desenvolvimento e sua socialização, foi tema nos Referenciais Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 1998) como área de conhecimento a ser trabalhado com o mesmo cuidado das demais disciplinas.

Para Barros (2008), a atividade docente é muito importante no trabalho com o ensino fundamental. O ambiente escolar é o local propício para o desenvolvimento de habilidades que auxiliem a criança a resolver problemas posteriores com maior competência e autonomia. As estratégias adotadas pelo educador devem ter como intenção a promoção da socialização e a criatividade.

Neste contexto, a prática de atividades físicas tem se revelado de suma importância para o desenvolvimento global dos alunos, principalmente durante o ensino fundamental II. A prática regular de atividades físicas, principalmente as coletivas, desde os primeiros anos do ensino fundamental, auxiliam no desenvolvimento de habilidades diversas: psicomotoras, cognitivas, interpessoais e, também ajuda a promover a socialização dos indivíduos (CRUZ, 2005).

Para que isso ocorra, o docente de educação física deve estimular o aluno a ter atitudes de respeito mútuo, dignidade e solidariedade para com o próximo, valorizando, conhecendo e aceitando a exposição da cultura corporal dos diferentes grupos, transfazendo em meios para o convívio entre pessoas de diferentes círculos sociais (GAZETTO, 2008).

Com o objetivo de salientar a importância das aulas de educação física escolar, este artigo se vale da revisão de literatura e da pesquisa qualitativa. A pesquisa qualitativa trabalha com descrições, comparações e interpretações e é por isso que este trabalho se define por optar por este tipo de pesquisa, a flexibilidade. Por ser mais participativa e, portanto, menos controlável, podendo o executor de a pesquisa direcionar o rumo da pesquisa em suas interações com o objeto (SEVERINO, 2000)

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 O Ambiente escolar

Para Ferreira (2006), a escola é um espaço propício para a construção do conhecimento, sobretudo pelas interações possíveis de serem promovidas em seu interior. Dentro desse ambiente de conhecimento, o papel do docente parte da intencionalidade de sua prática pedagógica. O conhecimento adquirido no ambiente escolar deve servir para que o aluno consiga construir habilidades para agir e pensar com autonomia. A intervenção do educador é a alma do processo ensino-aprendizagem e carece de exercício constante de reflexão e de pesquisa.

Libâneo (2003) entende que, para que aconteça um bom convívio social, os indivíduos devem desenvolver habilidades que se transformem em competências sociais efetivas. Para o autor essas habilidades devem ser desenvolvidas na escola por meio de práticas e experiências vividas. Isso porque, na escola, o processo de socialização está acontecendo, onde, através de um processo dinâmico e complexo, há a integração das influências de todos os elementos no meio ambiente e exige participação dos indivíduos.

De acordo com Freire (2006):

A formação de identidades, estruturação de personalidades, se dá por um longo processo de socialização do qual as crianças são atores principais. A expressão socialização, embora muito comum no linguajar do cotidiano, tem seu conceito diluído no que cerne a sua aplicabilidade no setor educacional. Desde sempre se fala em preparar o indivíduo para a sociedade, mas, em grande parte, se esquece de situar a que tipo de sociedade (FREIRE, 2006, p. 23).

Saber que tipo de sociedade se almeja é o ponto crucial para uma educação bem feita. Não se pode separar a escola do ambiente que ela se insere, não tem como negar as influências da sociedade no ambiente escolar, nem as influências que podem ocorrer do processo educacional na sociedade (SAVIANI, 2000).

Como na escola existem diferentes grupos, interagindo entre si, estes se libertam dos medos de se expor e se expressar, podendo, assim, educandos e educadores, transitar e perceber as várias interseções que aparecem nas vias que são as expressões culturais. Cabe à escola a socialização do saber elaborado. Este autor parte do pressuposto de que a elaboração do saber implica em expressar de forma elaborada o saber que surge da prática social (SAVIANI, 2000, p. 41).

O autor defende que o desafio pedagógico consiste em permitir que as novas gerações se apropriem, sem necessidade de refazer o processo, do patrimônio da humanidade, isto

é,daqueles elementos que a humanidade já produziu e elaborou. Então, o processo de socialização supõe um saber existente. Porém, este saber não é estático, acabado, é suscetível de transformação, mas sua própria transformação depende de alguma forma do domínio deste saber pelos agentes sociais.

A questão crucial quando se trata de socialização no espaço escolar está na concepção de educação adotada. Parte-se do entendimento de que a educação é uma prática social interessada na emancipação do sujeito, ou seja, no seu processo de humanização. A socialização consiste em promover um espaço de interação para que o sujeito possa efetivamente desenvolver-se. Nesta perspectiva, todo o processo pedagógico concorrerá para o desenvolvimento do sujeito. Cada atividade, cada ato pedagógico concorrerá ou não para que o indivíduo elabore os saberes historicamente construídos, conforme suas necessidades e expectativas (OLIVEIRA, 1992, p. 17).

A proposta pedagógica adotada na escola deve buscar uma abordagem interdisciplinar, com o envolvimento de todos os educadores interagindo a partir de suas respectivas disciplinas. Isto requer um projeto de ação coletiva.

A interdisciplinaridade requer não apenas especialistas nas diversas áreas envolvidas (e nunca será demais ressaltar o papel que a competência representa aqui), mas acima de tudo, um projeto, que coordene as atividades, para a qual converjam as ações e que tenha sido elaborado para ser posto efetivamente em prática (COELHO, 2001, p. 43).

Heller (2000) entende que a escola é uma instituição viva, contraditória, que se constrói no dia a dia, onde os alunos atuam como sujeitos quando apropriam e reelaboram os conteúdos e as relações, dando-lhes significados específicos. Diz que a melhoria do ensino passa pela revisão do que acontece no interior da escola.

A função da escola não é apenas informar o educando sobre o passado histórico de uma nação ou transmitir um conhecimento morto, mas situar os cidadãos, no âmbito da sua atualidade. E ao fazer isto possibilita aos indivíduos desenvolver habilidades que lhes permitem o desempenho de atividades, capazes de garantir condições de sobrevivência a si, a sua família a ao grupo social ao qual pertence (RODRIGUES, 1991, p. 30).

Para Rodrigues (1991) como função da escola está a formação e o desenvolvimento do espírito de cidadania nos indivíduos. Nesse processo, está a necessidade de dar condições de sobrevivência aos indivíduos. A partir daí, determina-se o que é fundamental que a escola ensine o que é essencial, que a escola desenvolva como: preparação dos indivíduos e da sociedade para a aquisição do saber, desenvolvimento da cultura e aprendizado de técnicas e de formas de trabalho que promovam em conjunto o desenvolvimento individual e social.

2.1 Educação física escolar

De acordo com Freire (2005), a proposta pedagógica da escola deve constar os jogos como mecanismo facilitador para a socialização, pois o objetivo é justamente fomentar a criatividade, sair da repetição não inculcar elementos impostos e, sim, fazer com que as pessoas interajam entre si e despertem para o seu interior que é um universo só seu.

Para aprender a jogar um esporte qualquer, uma criança deve ter a oportunidade de experimentar um número grande de situações. Cada situação dessas acarretará na abertura de possibilidades de desenvolvimento. Ao final de um longo processo, o acervo de possibilidades motoras, intelectuais, sociais, morais, e assim por diante, disponível no jovem que se formou nesse esporte, será imensamente mais amplo que no jovem formado em uma equipe ou escolinha que lhe impôs um sistema de superespecialização (FREIRE, 2005, p. 55).

Durante muito tempo, a educação tem recebido um enfoque bastante equivocado, principalmente quando se trata da educação escolar, onde é, em geral, dirigida somente para o campo cognitivo. Dificilmente os educadores apontam seus trabalhos para uma educação integral, onde se insere à cognição, a psicomotricidade e a afetividade (GADOTTI, 2003). Outro equívoco ocorre nas aulas de Educação Física, em que o educador tem como objetivo apenas a educação psicomotora. Esquecem de que o homem é um ser polivalente e que não se pode dar por satisfeito o trabalho educacional que não considera a sua integralidade (FREIRE, 2005).

Para Freire (2005), nas aulas de Educação Física pode ser enfocada outros objetivos (cognitivos e afetivos). Talvez se a disciplina, que mais oportuniza o trabalho afetivo, isto é, a relação harmoniosa entre as pessoas, o que, às vezes é prevaricado. É a escola cumprindo pedaços de suas funções, deixando a desejar, no que tange as responsabilidades que lhe são conferidas.

De acordo com Inbernón (2001), os parâmetros educacionais nacionais e a Secretaria do Estado de São Paulo de Educação entendem que se devam apresentar aos alunos as possibilidades de desenvolvimento de grande diversidade de esportes e atividades físicas para um melhor desempenho das habilidades e competências que permitam que os alunos estejam aptos a desenvolver outras habilidades e competências posteriores. Isso não significa que ele deva privilegiar o conhecimento esportivo dos alunos principalmente, mas garantir ao aluno o conhecimento de si próprio para que se desenvolva a autonomia. Desenvolver alternativas de

um trabalho mais efetivo passa a ser a grande preocupação do educador que se apresenta intencionada a promover o desenvolvimento físico, emocional e social de seus alunos.

É possível aferir nos PCN's que:

Para que se compreenda o momento atual da Educação Física é necessário considerar suas origens no contexto brasileiro, abordando as principais influências que marcam e caracterizam esta disciplina e os novos rumos que estão se delineando. No século passado, a Educação Física esteve estreitamente vinculada às instituições militares e à classe médica. Esses vínculos foram determinantes, tanto no que diz respeito à concepção da disciplina e suas finalidades quanto ao seu campo de atuação e à forma de ser ensinada (BRASIL, 1997, p. 19).

Segundo os PCN's, por suas origens militares e médicas e pelo atrelamento aos mecanismos de manutenção da ordem vigente no Brasil, tanto a prática como a reflexão teórica no campo da Educação Física restringiram os conceitos de corpo e movimento — fundamentos de seu trabalho — aos seus aspectos fisiológicos e técnicos.

Para Santana (2012):

Com os avanços teóricos na Educação, e também na Educação Física, novas abordagens vêm surgindo, e a LDB e os Parâmetros Curriculares Nacionais, vêm contribuindo para levar a disciplina a um lugar de destaque na formação de cidadãos críticos, participativos e com responsabilidades sociais. Porém, com todos estes avanços na Educação física escolar ainda está enraizado um modelo Biológico de homem, e muitos profissionais ainda estão preocupados com o corpo e suas capacidades fisiológicas, mantendo-se assim educação física ainda muito seletiva (SANTANA, 2012, p. 33).

As escolas públicas são a maioria na rede de ensino do país. Mantidas pelo governo, que envia verbas, realiza melhorias na estrutura física e envia materiais para as aulas como: bola de diversos esportes, jogos relacionados à disciplina. Mas, em muitas escolas se percebe situações precárias, quase sempre com falta de materiais e estrutura física problemática (PEREIRA, 1997).

Segundo Palma (2008), mesmo em situações consideradas precárias pelos docentes, estes devem dar atenção ao que pede o currículo, visto que este é responsável pela antecipação das aprendizagens a serem desenvolvidas e garantem a possibilidade de planejamento das aulas. O autor entende que, na organização do currículo deve-se considerar:

O currículo oficial ou explícito, o currículo real ou manifesto e o currículo oculto. Todas essas imagens são refletidas no sistema curricular. O currículo oficial ou explícito é aquele abordado e apresentado em forma de livro-texto, documentos ou outra forma impressa (o que deve ser). O currículo oculto é aquele que não está evidente, composto pelas dimensões sociais, políticas, filosóficas e didático-pedagógicas que ficam subjacentes (o que não se vê não se diz, mas se percebe nas

ações e nas falas dos professores). O currículo real ou manifesto (...) é o currículo em ação na sala de aula (o que se faz e o que se diz) (PALMA, 2008, p. 43).

Uma vez que, ao se praticar determinado esporte os alunos criam um gosto pelo mesmo, levam esse hábito saudável da prática de atividades para toda a vida, tendo como uma atividade de lazer (FREIRE, 2005).

A prática de atividades físicas possui grande importância, como é destacada por Pereira (1997) que sem a exercitação física, as atividades “normais” humanas, tanto no plano escolar como extraescolar, apenas propiciam estímulos psicomotores que, no máximo, mantêm as condições físico-habilidosas já existentes. A teoria da Educação Física, da ginástica, dos esportes, dos jogos, somente pode acontecer a partir da prática e, mesmo como resultado da capacidade abstrativa, as teorizações sobre a Educação Física se validam com a prática.

Sobre a abrangência da educação física, os PCN's reiteram que:

Atualmente, a análise crítica e a busca de superação dessa concepção apontam a necessidade de que, além daqueles, se considere também as dimensões cultural, social, política e afetiva, presentes no corpo vivo, isto é, no corpo das pessoas, que interagem e se movimentam como sujeitos sociais e como cidadãos (BRASIL, 1997, p. 22).

É muito comum entre os docentes fazer comparações entre as escolas públicas e as escolas privadas, mas, segundo Santana (2012), as escolas privadas são uma minoria no país, comparando-se com as escolas públicas. Embora teoricamente possuam melhor estrutura física e recursos materiais que a escola pública, para o professor de educação física, tal comparação se limita à aquisição de recursos financeiros e materiais, que não retira o gosto por esportes e atividades físicas das crianças. É importante ressaltar que as escolas particulares costumam estimular seus alunos com projetos culturais, como gincanas, muitas vezes orientados pelo professor de educação física. Santana (2012) menciona que “nas aulas de educação física escolar, pode e deve resgatar essa manifestação cultural e dela se apropriar, já que é muito útil no trabalho corporal” (36).

Segundo os PCN's:

É preciso considerar que não se trata, aqui, do sentido mais usual do termo cultura, empregado para definir certo saber, ilustração, refinamento de maneiras. No sentido antropológico do termo, afirma-se que todo e qualquer indivíduo nasce no contexto de uma cultura, não existe homem sem cultura, mesmo que não saiba ler, escrever e fazer contas. É como se se pudesse dizer que o homem é biologicamente incompleto: não sobreviveria sozinho sem a participação das pessoas e do grupo que o gerou (BRASIL, 1997, p. 23).

Cada lugar tem sua cultura, e a escola sempre busca revivê-la, através de uma ótima iniciativa na qual envolvem alunos e professores e muitas vezes os pais dos alunos. Sempre em prol de uma boa educação para os alunos, tentando oferecer para eles o que melhor a escola tem. Pereira (1997) afirma que as escolas, com suas diferenças, tanto arquitetônicas, do tipo e do nível das construções, bem como referentes aos componentes literários, instrumentais, docentes, discentes e de pessoal de apoio, refletem as realidades socioculturais contextualizadas. Nas escolas, é que se caracterizam os acontecimentos processuais educativos, onde a cultura de determinado período sócio histórico é transmitida didaticamente.

Para Pereira (1997), os jogos, os esportes, as danças, as lutas e as diversas formas de ginástica estão presentes nas diversas culturas, influenciando o comportamento, transmitindo valores, fazendo parte do dia-a-dia das pessoas. Na escola, o ensino da Educação Física pode e deve incluir a vivência dessas modalidades como conteúdos, ampliando as possibilidades de os alunos compreenderem, participarem e transformarem a realidade. De acordo com Freire (2005), para muitos, o esporte é sinônimo de Educação Física, e isso é uma prática constante em várias escolas, pois são utilizadas modalidades esportivas como disciplina e não como um dos conteúdos da Educação Física.

Também nos PCN's é possível entender que, dentre as produções da cultura corporal, algumas foram incorporadas pela Educação Física em seus conteúdos: o jogo, o esporte, a dança, a ginástica e a luta e, estes têm em comum a representação corporal, com características lúdicas, de diversas culturas humanas; todos eles ressignificam a cultura corporal humana e o fazem utilizando uma atitude lúdica.

Pereira (1997) entende os desafios por que passam os docentes de educação física. Para o autor, trata-se de uma questão histórica.

A educação como um todo, tem sido caracterizada como a área que mais enfrenta conflitos e desafios diante de uma sociedade em constante mudança. A Educação Básica no Brasil iniciou, na década de 1980, um repensar sobre os conteúdos de ensino, docência, a organização escolar e o tipo de aluno a ser trabalhado. Com a democratização social do país, a escola também foi "democratizada", passando de uma escola para poucos a outra para todos e com qualidade. No entanto, são vários os desafios: analfabetismo, evasão, baixa qualidade do ensino, entre outros, consequências de uma reforma que não considerou em que bases ela seria levantada, ou seja, a má formação de professores, os baixos salários, as estruturas escolares engessadas e burocratizadas, currículos "gradeados" - disciplinas, gestões escolares verticalizadas (PEREIRA, 1997, p. 29).

Diante da LDB nº 9.394/1996 (BRASIL, 1996), escola e docentes caminham para encontrar os elementos que podem propiciar a autonomia dos alunos e minimizar as dificuldades e apontar sugestões para o cotidiano das práticas educativas. Uma análise mais detalhada sobre a Educação Física na escola aponta para a necessidade de um enfrentamento urgente no sentido de implementar propostas efetivamente renovadoras; estudiosos da área vêm discutindo, nos últimos vinte anos, novas alternativas que possam suprir as necessidades da disciplina.

Para Darido (2003), surgem novas tendências na Educação Física escolar. Concepções para a Educação Física provenientes da filosofia, sociologia e psicologia, como a Psicomotricidade, o Construtivismo, o Desenvolvimentismo, a Biológica Renovada, e abordagens críticas são algumas delas concebidas. Elas têm em comum a busca de uma Educação Física que articule as múltiplas dimensões do ser humano e a tentativa de romper com o modelo mecanicista vigente até então. Para o autor, essas discussões parecem ter amadurecido e se consolidado em novas tendências da Educação Física escolar, mas, a maioria do corpo docente da área de Educação Física ainda continua pautada em referenciais tecnicistas e “esportivistas”.

Os professores demonstram conhecer que não devem selecionar os alunos, optar por apenas uma modalidade esportiva, ter atitudes autoritárias e negligenciar a dimensão lúdica. No entanto, ainda apresentam dificuldades no sentido de saber quais conteúdos abordar e quais metodologias de ensino utilizar. Em alguns casos, tal fato acabou por se transformar em aulas assistemáticas, nas quais o aluno escolhe o que quer fazer. Esse modelo é algumas vezes chamado de “recreacionista”, embora o nome não seja o mais apropriado (DARIDO, 2003, p. 29).

Ao criticar tais modelos, o autor ajuda a expor a necessidade de uma educação física mais comprometida com a formação integral do aluno, onde a cultura do movimento é valorizada em prol de uma autonomia e do conhecimento das possibilidades em desenvolver habilidades que ajudem o aluno a transformar sua realidade.

Para Betti (1991):

Os professores de Educação Física escolar ainda carecem de elementos que lhes permitam refletir e implementar propostas que substituam os modelos exclusivamente “esportivistas”, ou “recreacionistas”, e tal modo que seja possível a Educação Física na escola cumprir com a difícil missão de introduzir e integrar o aluno na esfera da Cultura Corporal de Movimento, formando o cidadão para produzi-la, reproduzi-la e também transformá-la, se preciso for. Nesse sentido, o aluno deverá ser instrumentalizado a usufruir das práticas corporais em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida (BETTI, 1991, p. 54).

Neste momento, é relevante salientar que a formação de qualidade do professor de educação física é de vital importância para suprir parte das necessidades da área. Ao recorrer à literatura, tem-se em Imbernón (2001) a mesma preocupação quanto o repensar a estrutura e a dinâmica dos cursos de formação inicial de professores. Em suas palavras: “A estrutura da formação inicial deve possibilitar uma análise global das situações educativas que, devido a carência ou a insuficiência da prática real, se limitam predominantemente a simulações dessas situações” (p. 61).

Como não bastasse a questão da formação docente, muitos professores de educação física têm sua disciplina tratada como secundária, sem apoio de gestores e outros docentes de outras áreas.

Para Mizukami (2002):

É preciso minimizar o distanciamento nas relações entre os docentes e a direção escolar, numa tentativa de realização de um trabalho efetivamente em conjunto, ou seja, exalta a necessidade da construção de ações coletivas. Para a Educação Física, faz-se ainda mais importante tal aproximação. Inclusive, muitos docentes sugerem que os diretores e coordenadores também tenham informações sobre as novas propostas para a Educação Física na escola (MIZUKAMI, 2002, p. 16).

De acordo com Freire (2005), há necessidade dos professores abordarem conteúdos nas dimensões conceitual, procedimental e atitudinal, ou seja, trabalhar os conteúdos conduzindo os alunos a refletir, perceber, experimentar e valorizar o conhecimento com todas as possibilidades. Para que isso aconteça, a educação física deve estar correlacionada ao contexto de aprendizado escolar. O que muitas vezes não é fácil devido ao “afastamento” da educação física pelos outros docentes até por motivos que fogem às responsabilidades do profissional de educação física.

Há evidências de que um dos maiores obstáculos para as aulas de educação física é a falta de espaço apropriado, calor excessivo e falta de materiais disponíveis para a condução das aulas e também a necessidade em dividir apenas uma quadra para mais e um professor (INBERNÓN, 2001).

O barulho é muito questionado pelos demais docentes das escolas. O grande problema está na arquitetura desfavorável à prática esportiva nas escolas. Não há como trabalhar os conteúdos da Educação Física no silêncio profundo, exatamente pelo envolvimento do aluno nas atividades propostas; como um ser humano que é, o aluno está envolvido integralmente no que faz. Nas escolas onde a quadra fica muito próxima as salas de aula, os alunos não podem gritar nem torcer. A alegria das crianças é confundida com indisciplina (BETTI, 1991).

Para isso, o professor não deve ter medo da "bagunça" em que se transforma uma aula de Educação Física. Deve inclusive possuir fortes argumentos técnicos para defender seu programa, pois será pressionado pela administração e por outros professores para acabar com o barulho. Geralmente, as escolas públicas possuem quadras poliesportivas e muitas se localizam próximas às salas de aulas. Mesmo sabendo que a educação física não deve se limitar à quadra, a falta de estrutura para a prática de esportes diferenciados é um grande entrave para a docência (FREIRE, 2005).

Brasil (1997) sugere que a sistematização das aulas de Educação Física seja conduzida de forma a abordar os conteúdos nas dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais.

A categoria conceitual refere-se a abordagem de conceitos, fatos e princípios, ou seja, adquirir informações, vivenciar situações, atingir conceitualizações mais abrangentes e compreender princípios. A categoria procedimental expressa um "saber fazer", tomar decisões, realizar uma série de ações de forma ordenada, atingir uma meta e construir instrumentos para analisar processos e resultados obtidos. Já a categoria atitudinal inclui valores, normas e regras. As atitudes envolvem cognição, afetos e condutas. As normas e regras orientam padrões de conduta, e os valores orientam ações e possibilitam fazer juízo crítico (BRASIL, 1997).

Acredita-se que dessa forma o ensino possa ser mais efetivo e motivante, pois o principal objetivo da educação num contexto geral é a formação integral do aluno; para isso, não se deve dar ênfase a apenas uma dimensão de conteúdo, restringindo à rica e extensa possibilidade de vivências e aprendizagens (FREIRE, 2005).

Ferreira (2002) entende que, ao professor de educação física e ao educador esportivo cabe adequar as atividades de acordo com o que se espera do desempenho de cada indivíduo, visando sempre o seu desenvolvimento global, para que, mesmo que não se torne um profissional dos esportes, obtenha habilidades para o desenvolvimento de uma vida mais saudável e com maior qualidade de vida na fase adulta.

Assumindo a importância da estimulação corporal para o desenvolvimento global do indivíduo, é necessário explanar também sobre as habilidades psicomotoras, que incluem: a resistência à fadiga, a visão periférica, o equilíbrio físico, a destreza manual e digital, a coordenação mãos e olhos, entre outras. Desta forma, valências psicomotoras do comportamento da criança e, posteriormente, do adolescente podem ser condições para o desenvolvimento de determinados aspectos cognitivos. Somados, ambos os estímulos podem ainda, determinar aspectos positivos ou negativos quanto ao desenvolvimento afetivo e social (WEINECK, 2000).

Na etapa de crescimento, as crianças desenvolvem condições ideais para treinar a habilidade. A partir dos 5 anos de idade, a maioria das crianças está preparada para dar seus

primeiros passos no futebol. Adaptam-se aos movimentos e podem apresentar melhor coordenação (VAYER, 2000).

Para Chateau (2000), o futsal sociabiliza as crianças, e lhes insere no gratificante trabalho em equipe. Alguns psicólogos afirmam que o futebol é uma boa ferramenta para afastar os mais jovens das tentações das drogas, da violência e do álcool.

Assim, o fato do futsal ser um jogo competitivo e coletivo, auxilia na promoção de um desenvolvimento global e promove a socialização dos adolescentes. As potencialidades do esporte só são efetivas se o professor de educação física estiver preparado para sua atuação profissional. Do contrário, da mesma maneira, as condições emocionais desfavoráveis podem prejudicar questões referentes ao escopo psicomotor e cognitivo (CHATEAU, 2000).

Em complemento, uma das maneiras de estimular tais desenvolvimentos citados seria, de acordo com Jacquin (1997), com o jogo:

O jogo põe em função, de maneira extremamente variada, todas as possibilidades da pessoa: força muscular, flexibilidade das articulações, resistência ao cansaço, respiração, precisão de gesto, habilidade, rapidez de execução, agilidade, prontidão de resposta, reflexos, equilíbrio, etc (JACQUIN, 1963, p. 39).

Dessa forma, portanto, o jogo se torna atividade fundamental no desenvolvimento dos jovens e deve ser trabalhada na escola pelo professor de Educação Física. Santana (2012) faz várias observações sobre a versatilidade dos jogos. Segundo o autor, o jogo tem poder de integração, é um campo de novos achados, auxiliam na criatividade e no raciocínio estratégico.

Se trabalhadas de modo correto, as atividades se apresentam como uma forma de autoconhecimento e de corpo informativo. É no jogo que se revelam os estados cognitivo, visual, auditivo ou tátil-motor; aprender, interagir e entrar numa relação cognitiva com o mundo, eventos, pessoas e símbolos estão unidos ao jogar (VAYER, 2000).

O professor de educação física estabelece diariamente esta atividade de “intercâmbio” com os alunos, daí então se espera que o mesmo esteja apto não só para entender o desenvolvimento motor de seus alunos, mas as peculiaridades e individualidades próprias do período de desenvolvimento que corresponde à faixa etária de seus alunos, além do contexto social (VAYER, 2000).

Sobre este assunto observa-se a afirmação de Gadotti (2003), precursor do incentivo à prática da educação física:

A grande habilidade do professor é obter e manter a atenção do seu aluno: enquanto tiver isso, terá certeza de progredir tão rapidamente quanto a capacidade do aluno o

permitir, e sem isso, toda sua pressa e alvoroço terão pouco ou nenhum propósito (por maior que possa ser) a utilidade do que ensina; e que o professor possa ver ao aluno que, com o que aprendeu, ele possa fazer algo que não era capaz anteriormente; algo que lhe dê algum poder ou vantagem real sobre os outros que desconhecem o mesmo assunto. A isso, o professor deve acrescentar gentileza em todas as suas aulas; e por meio de uma certa ternura em sua atitude, deixar perceber à criança que ela é amada e o professor não tem outra intenção senão o seu bem, esse é o único modo de originar amor na criança, o que fará dar atenção às aulas e ter prazer com o que o professor ensina (GADOTTI, 2003 p.84).

Ao promover a coletividade e o raciocínio estratégico, o professor consegue propor aos seus alunos o crescimento não só físico, psicomotor, mas também o cognitivo, promovendo, assim, o desenvolvimento integral do educando.

3. CONCLUSÃO

O Artigo abordado cita os PCNs, para lembrar o quanto eles foram importantes na Ed. Física.

Freire dizia que a criança tem que aprender duas coisas na escola: o Cognitivo e o Afetivo para se desenvolver.

Libâneo dizia que quanto mais experiência os alunos tivessem no ambiente escolar, mais eles se desenvolveriam.

Os estudos atuais mostram que em dezembro de 2017 a Secretaria do Ministério da Educação aprovou os BNCCs (Base Nacional Curricular Comum). Onde os alunos terão que estudar a cultura local e seus valores.

Todo trabalho pedagógico depende no primeiro momento da intencionalidade do professor na elaboração de suas aulas. Mesmo em atividades onde o jogo e a brincadeira favoreçam a diversão, devem estar imersos no ludismo, ou seja, na construção da criatividade, da autonomia, do desenvolvimento global do aluno.

Ponto relevante é saber que nas aulas de educação física a capacidade de adaptar atividades para que todos os alunos possam participar. A elaboração do trabalho, de acordo com os referenciais consultados, demonstra a eficiência de se elaborar atividades no desenvolvimento global dos alunos. O educador físico comprometido com sua profissão, pode se utilizar de suas atividades como agregadoras de conhecimentos e promotoras de melhor qualidade de vida

Este trabalho se justifica na facilidade em alcançar as referências bibliográficas, e tem sua relevância diante da importância aqui atribuída, na possibilidade e necessidade de manipular a atividade, conforme as carências específicas do aluno ou do grupo inseridos nas aulas de Educação Física Escolar, propiciando um melhor desenvolvimento físico, tático e

técnico e, além disso, promover a socialização, relacionamento interpessoal, enfim, o desenvolvimento global dos alunos.

4. REFERÊNCIAS

- SOUSA, Ana Maria Borges de; BARBOSA, Isabella Benfica (org.). *Cuidar da educação, cuidar da vida*. Florianópolis: EDUFSC-CED-NUVIC, 2011.
- BARROS, Eduardo. *Como estimular a equipe a mudar de corredor de ataque* (2015). Disponível em: <http://universidadedofutebol.com.br> Acesso em 16 de julho de 2017.
- BETTI, M. *Educação Física e sociedade*. São Paulo: Movimento, 1991.
- BRASIL, *Leis de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira nº 9394* (LDB 9394/96), Ministério da Educação e Cultura, Brasília, 1996.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais – Educação Física*. Ministério da Educação e Cultura – Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. *Educação Fundamental*. Referencial curricular nacional /Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CHATEU, J.O *Jogo e a Criança*, São Paulo, Ed.Summus,2000.
- COELHO, T. *O que é ação cultural*. Coleção Primeiros Passos, 216: São Paulo, Brasiliense, 2001.
- CRUZ, G. A de M. *Futsal: o jogo de inteligência dentro das aulas de Educação Física* (2005). Disponível em: <http://www.efdeportes.com> Acesso em 16 de julho de 2017.
- DARIDO, S. C. *Professores de Educação Física: avanços, possibilidades e dificuldades*. *Revista do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte*, v.18, n.2, p. 192-206, 1997. *Educação Física na escola: questões e reflexões*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
- FERREIRA, W. B. *Inclusão x exclusão no Brasil: reflexões sobre a formação docente dez anos após Salamanca*. In: *Inclusão e Educação: doze olhares sobre a educação inclusiva*. David Rodrigues (org.). São Paulo, 2006.
- FERREIRA, L. A. et al. *A realidade docente: o olhar do professor de educação física escolar iniciante*. In: Congresso Internacional de Ia AIESEP, EspanhaLacorutia, 2002.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 6. ed. São Paulo: Moderna, 2006.
- FREIRE, J. B. *Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física*. Campinas: Scipione, 2005.
- GADOTTI, M. *História das ideias pedagógicas*. São Paulo: Ática, 2003.

- HELLER, A. **O Cotidiano e História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- INBERNÓN, F. **Formação docente a profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Cortez, 2001.
- JACQUIN, G. **A educação pelo jogo**. São Paulo: Flamboyant; 1997.
- JIMENEZ, André Silva. **Educação física escolar: novas tendências**. Revista Mineira de Educação Física, v. 1, Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 1998.
- LIBÂNEO, J. C. **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização**. São Paulo: Cortez, 2003.
- MIZUKAMI, M. G. N. **Formação de professores, práticas pedagógicas e escola**. São Carlos: Ed. UFSCar, 2002.
- OLIVEIRA, B. A. de. **Socialização do saber escolar**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 1992.
- PALMA, Â. P. T. V. **Educação Física e a Organização Curricular**. Londrina: Eduel, 2008.
- PEREIRA, Flávio Medeiros. **O cotidiano escolar e a educação física necessária**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1997.
- RODRIGUES, N. **Lições do Príncipe e outras Lições**. 13ª ed. Cortez Editora: 1991.
- SÃO PAULO. **Proposta Curricular do Estado de São Paulo**. Secretaria da Educação, 2014.
- SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 7 ed. Campinas : Autores Associados, 2000.
- SEVERINO, A.J., **Metodologia do trabalho científico**. 21ed.rev. eampl., São Paulo: Cortez, 2000.
- VAYER, P. **A integração da criança deficiente na classe**. São Paulo: Manole; 2000.
- WEINECK, J. **Futebol Total: o treinamento físico no futebol**. Tradução de Sérgio Roberto Ferreira Batista. Verificação Científica de Francisco Navarro e Reury Frank P. Bacurau. Guarulhos: Phorte, 2000.